



Modalidade do trabalho: Relato de experiência

Evento: XIII Jornada de Extensão

RESOLUÇÃO ALTERNATIVA DE CONFLITOS: A CULTURA DA PAZ EM MEIO A ADOLESCENTES¹

João Silvio Zanetti Neto², Tobias Damião Corrêa³.

¹ Projeto de Extensão Conflitos Sociais e Direitos Humanos: Alternativas Adequadas de Tratamento e Resolução

² Aluno do Curso de Graduação em Direito da Unijuí, Bolsista PIBEX/UNIJUI

³ Mestre em Desenvolvimento pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (Unijuí). Professor do curso de Graduação em Direito da Unijuí e Coordenador do projeto de extensão “Conflitos Sociais e Direitos Humanos: Alternativas Adequadas de Tratamento e Resolução”

Resumo

A construção da paz começa a partir de uma atitude pessoal que pode se refletir em diversos campos da vida, no meio ambiente, na sociedade, na saúde coletiva, entre outros. Essa discussão se fortalece a partir da crescente visão da interdependência global e da responsabilidade universal pela construção de um novo mundo e coloca este tema como uma das principais ações educativas, que promovem fontes efetivas de paz no mundo. A juventude tem sido o maior alvo dos problemas sociais, políticos e ambientais que vem se acumulando desde o desenvolvimento do capitalismo. O surgimento da violência, do crime e dos comportamentos destrutivos, são situações nas quais os jovens são vítimas potenciais, e mostram a grande tarefa que a juventude tem de transformar estes padrões.

Palavras-chave: Adolescente; Cultura da paz; Diálogo.

Introdução

“Pode garantir-se que um conflito foi solucionado segundo os princípios da não-violência”, preceitua Ghandhi, “se não deixa nenhum rancor entre os inimigos e os converte em amigos”. Sabe-se que o menor encontra-se em um momento da vida diferenciado, de constituição e formação física e psicológica, merecendo, por isso, uma proteção também distinta. Com esse intuito é que se faz a disseminação da cultura da paz, visando a autonomia pessoal e a interação social pacífica. O conflito, independente da face que tome, é parte integrante da sociedade, principalmente levando em consideração a complexidade atual.

De acordo com a Rosa (2011, p. 106) “as relações do sujeito adolescente com seu entorno ganham novos matizes, cujo enfrentamento depende, em muito, da maneira como o sujeito foi estruturado”. Dessa forma, percebe-se necessária a intervenção junto aos adolescentes, visando a construção de um molde social harmônico e autônomo, no qual o conflito perderia o rótulo negativo, passando a tornar-se uma ponte para a interação social concreta, a exposição de ideias e a discussão ideológica, hodiernamente defasadas.





Modalidade do trabalho: Relato de experiência

Evento: XIII Jornada de Extensão

Pela abertura conceitual encontrada na adolescência, entendida como aquela fase de descobrimento, na qual se inicia a busca pelo outro faltante, marca da psicologia, é que se deve ter o cuidado e a sensibilidade no tratamento com essas pessoas em formação psico-físico-moral, pois é através das investidas do meio no qual se instalam e convivem, que absorverão a maneira de ser, agir e, principalmente, a forma de resolver os conflitos que se instauram, sejam na esfera familiar, social ou escolar. Nesse ínterim, intervir junto a esses seres substancialmente incompletos, introduzindo uma maneira harmônica e pacífica, ainda alternativa, de resolução de desavenças, é construir uma base planejada para o futuro; uma forma de treinamento altruístico, em vista de que serão esses adolescentes modelados que interagirão futuramente na sociedade. Educar adolescentes para a cultura da paz hoje é garantir mais diálogo e harmonia para o amanhã.

Metodologia

A cultura da paz deve ser uma filosofia de vida, e não mero discurso falacioso. Para que isso se concretize, a compreensão do mundo, de si e da maneira de gerenciar as adversidades sociais deve ser completa. Assim, Lucas (2011, p. 141), expõe que

A compreensão é tomada como totalidade, pois sempre compreendemos quando compreendemos o todo e compreendemos o todo quando nos compreendemos. Há, como se afirmou, uma boa circularidade que coloca o homem em contato com o mundo que ele constituiu ao constituir-se.

Para tanto, o meio visual, em se tratando de público adolescente, é a maneira plausível de prender a atenção. Utilizando-se de apresentação de slides informativos, adequados à temática da cultura da paz, preservação da vida, do ambiente e, principalmente, do viés mediativo dos conflitos, desavenças, pirraças, ou qual seja a face tomada, é um grande trunfo. Ademais, juntar a essa ferramenta um diálogo participativo, nos moldes de uma conversa, incitando a interação, questionando e arrebatando a atenção, prendendo o público ao tema, se faz necessário. Não há diálogo unilateral, tampouco proveito em uma palestra desinteressada.

A fonte da visão é o campo de maior prisão de atenção. Aliada à audição e a um tema real, que faça com que o público adolescente se identifique e se sinta dentro do assunto, proporciona resultados excepcionais. Isso se dá através de obras cinematográficas, curtas e videoclipes animados. A partir da união da teoria exposta nas lâminas digitais, com a exposição de animações, tem-se a participação efetiva ou, ao menos, a atenção presa, que já denota uma absorção de conteúdo.

Para além da expressão unilateral, de cunho teórico-explicativo, e do diálogo, em forma de tribuna temática, dinâmicas são bem vistas em meio a adolescentes. De fato nessa fase da vida não há um grande e irradiante interesse em socialização, visto que, por estar em formação, a estrutura psíquica do adolescente constrói uma espécie de fortaleza, inventa-a, criando obstáculos para a interação. Objetivando o rompimento dessas barricadas, a feitura de dinâmicas que os vinculem ao trabalho,



Modalidade do trabalho: Relato de experiência

Evento: XIII Jornada de Extensão

fazendo com que se expressem da forma desejada, mormente no tocante às veias artísticas e reflexivas, resultam exitosas.

Quando chamados a elaborar reflexões sobre si, expondo desenhos, recortes, colóquios, teatralizando a vida ou situações fictícias, criadas e manipuladas, interação de forma surpreendente. Assim, percebe-se que fazê-los o centro da discussão, colocando-os nela de forma concreta, vincula ainda mais, gerando resultados positivos e satisfatórios.

A partir dos contatos com os adolescentes, pode-se observar que, quanto mais interação houvesse, maior era a exposição individual nos encontros subsequentes. Assim, para incluí-los na discussão, o uso de dinâmicas mostrou-se fundamental. O objetivo era a compreensão de que uma convivência não-violenta, baseada no diálogo e na autonomia individual, é viável. Tal fora alcançado, pois a cada espaço de tempo, observou-se a evolução do público-alvo rumo à alcançar esse objetivo, obtendo uma melhora comportamental e interativa.

Dessa forma, interagir é o núcleo da tratativa com adolescentes. A partir da exposição de slides e posterior discussão, fazendo com que eles manifestassem a opinião acerca dos assuntos desenvolvidos, tais como a violência e a cultura de paz, integrou-os ao grupo. Ainda, a exibição de animações, por serem de fácil assimilação, teve o objetivo de fixar o conteúdo abordado. Aliás, dinâmicas mostraram-se positivas, ao passo que se pode observar os sentimentos individuais para com o grupo e os temas propostos, que se restaram abertos e maleáveis às opiniões emergentes.

Resultados e discussão

De acordo com Foley (2011, p. 259), a autonomia “é a capacidade de autodeterminação de um ser humano ou de uma coletividade”. E autonomia é o principal objetivo buscado com a intervenção junto a adolescentes. Fazer com que compreendam o mundo de forma diferente, imbuindo-os com ferramentas que os façam capazes de sentir a vida, a sociedade e as pessoas de forma diferenciada. Dotá-los de capacidade de agir e resolver seus problemas de forma pacífica, harmônica e autônoma.

Warat (2011, p. 308) coloca que “temos somente olhos para enxergar os pontos em que a convivência torna-se conflito, e oferecermos soluções coercitivas para diluir esses pontos.” Essa é a visão a qual busca-se amainar com a implementação da cultura da paz e do diálogo.

Adolescentes são seres em processo de formação. Cultura da paz e do diálogo é um tema pesado que, se não for tratado da forma correta, acaba por ser taxado de desinteressante e irrelevante, deixando tudo o que se é possível aprender sobre a temática de lado, recalçando o conhecimento. Por meio de conversas informais, pois quando se fala em diálogo e implementação de uma nova maneira de ver o mundo e interagir em sociedade, não se pode formalizar ao ponto de se tornar maçante. Portanto, utilizando-se da informalidade, colocando o grupo em campo paritário, resultou em um aprendizado inigualável, com a participação ativa dos adolescentes.





Modalidade do trabalho: Relato de experiência

Evento: XIII Jornada de Extensão

Há muito interesse que se esconde atrás da vergonha. Como remédio, a dinâmica de grupo na qual todos os presentes participem, acaba por enredar de forma sólida, criando um laço forte entre as pessoas. A partir dessa interação, da ligação construída com a igualdade, a mostra de que não há diferenças que não nos tornem iguais, percebe-se que qualquer que seja o assunto abordado, a compreensão partida da atenção prestada é aumentada em grau máximo. Muito mais rende um adolescente que fala do que quer do que aquele que ouve o que lhe é imposto.

Há tempos vivemos em meio a uma cultura da violência e muitos não se apercebem disso. A violência é tratada na sociedade como entretenimento e espetáculo. As crianças crescem assistindo a desenhos animados onde a violência é o foco. A venda de material violento (filmes, videogames, armas de brinquedo) é sempre bem-sucedida. O noticiário vende a violência como espetáculo. A história que estudamos na escola é baseada nos heróis de guerra e não nos heróis da paz. A paz, dessa forma, é o lado oculto da história. Os heróis fictícios que as crianças e jovens aprendem a admirar combatem a violência com a violência. As canções infantis mais populares possuem letras terroristas. Nas artes, em geral, predominam formas e conteúdos violentos. O esporte, via de regra, é utilizado como veículo para degladiação. Fazemos guerras de competição desde as brincadeiras da infância, onde participantes vão sendo eliminados até que haja vencedores e vencidos.

Todos nós nascemos com potencial de amor e agressividade, sendo necessário expandir o primeiro e canalizar o segundo para fins construtivos. E todos nós, crianças, jovens e adultos, seja qual for o ambiente e as circunstâncias em que estejamos situados, deveríamos trabalhar pela construção dessa Cultura da Paz. Não simplesmente em razão de crenças, filosofias e ideais, pois trata-se de algo que vai além da mera crença particular. Trata-se de uma questão de necessidade (individual, social e ambiental) que deve ultrapassar o campo do partidarismo filosófico, político ou religioso.

Trabalhar pela construção de uma Cultura da Paz, entretanto, não se trata de negar a violência. Ela está aí! É uma das facetas da realidade e está presente sob um infinidade de formas: física, psicológica, social, econômica, ambiental, institucional, legal, explícita, travestida, religiosa, artística, esportiva, comissiva, omissiva etc.

Entretanto, sedimentar a crença de que o mundo está irremediavelmente violento e que para ele não existe solução é fechar os olhos, tapar os ouvidos e cruzar os braços para o esforço cotidiano de milhões de pessoas que estão trabalhando pela construção da paz e por um mundo melhor. Não devemos olhar a paz como um ideal inatingível, mas como uma realidade.

Considerar o adolescente como ser em formação, buscando a inclusão e aceitação, é fundamental para que o trabalho com tais resulte exitoso. Assim, focá-lo, e sua realidade social, incorporando-o à discussão é essencial. A partir disso, utilizadas dinâmicas diversas, a integração do adolescente como grupo, fez com que o indivíduo se apresentasse de forma diferenciada, aberta a novas realidades e





Modalidade do trabalho: Relato de experiência

Evento: XIII Jornada de Extensão

maneiras de lidar com o outro, dado por compreendida temática e absorvida a conceituação apresentada. Dessa forma, a crescente evolução, observada juntamente com a interação mais assídua por parte dos adolescentes, apresentou um resultado satisfatório, entendida a importância da cultura da paz e sua disseminação, além da sua prática diária no convívio social.

Conclusões

O projeto ajudou na aproximação dos alunos e sua realidade, revelando que são adolescentes carentes de uma vivência relacional afetuosa na família e na escola, que quando oportunizada, refletem outros comportamentos, com possibilidade real de construção da cultura de paz. A experiência despertou o humano adormecido nos adolescentes envolvidos e uma relação escolar mais despojada, conciliando autoridade docente e protagonismo juvenil.

Nós somos por natureza seres culturais. Nascemos com a vocação e a tarefa de construir nossa existência. Não nascemos prontos de uma vez por todas. Sequer tivemos a oportunidade de escolher o tempo e o lugar de nascimento. Isso significa afirmar, por um lado, que temos uma vida de dependência de outros e, assim, estamos sujeitos a viver em meio a conflitos. Contudo, o que muda é a forma de gerir tais desavenças.

Educar para a cultura da paz, instruir em seu uso e disseminação, faz com que mude-se o foco conflitivo, que passa de absolutamente negativo, a um contraponto de ideias, resolutivo pelo diálogo. Dessa forma, treinar adolescentes, que, ademais, vivem em conflitos internos, por sua condição psicossocial em formação, para cultivar a paz, é de veras imprescindível, se se quiser pensar em um futuro pacífico e harmônico, além de autônomo. Um futuro pensado a partir do presente, visando a emancipação social dos cidadãos, hoje adolescentes.

Referências bibliográficas

ROSA, A. M. da. Mediação e ECA: práticas e possibilidades. In: SPENGLER, F. M.; LUCAS, D. C. (Org.). Justiça restaurativa e mediação: políticas públicas no tratamento dos conflitos sociais. – Ijuí: Ed. Unijuí, 2011. – p. 103 – 120.

LUCAS, D. C. Conflitos identitários e mediação: o vir à fala das diferenças. In: SPENGLER, F. M.; LUCAS, D. C. (Org.). Justiça restaurativa e mediação: políticas públicas no tratamento dos conflitos sociais. – Ijuí: Ed. Unijuí, 2011. – p. 121 – 157.

FOLEY, G. F. A justiça comunitária para a emancipação. In: SPENGLER, F. M.; LUCAS, D. C. (Org.). Justiça restaurativa e mediação: políticas públicas no tratamento dos conflitos sociais. – Ijuí: Ed. Unijuí, 2011. – p. 244 – 266.

WARAT, L. A. Pensemos algo diferente em matéria de mediação. In: SPENGLER, F. M.; LUCAS, D. C. (Org.). Justiça restaurativa e mediação: políticas públicas no tratamento dos conflitos sociais. – Ijuí: Ed. Unijuí, 2011. – p. 297 – 316.